

mente cristão.) Este «caminho de Santiago» constitui uma como que síntese de tantas inquietações, que não se conseguem acalmar senão por um regresso à fé. Compostela é, para muitos, um símbolo autêntico, um regresso ao centro perdido. É possível que um neomarxista sinta no íntimo da sua consciência esta mesma necessidade. Como prova, aí temos as inquietações de um biólogo ateu como Jean Rostand, ou as de um Eugène Ionesco, nos seus *Diários*. O ser humano não pode viver fora do sobrenatural. O que me parece é que os teólogos ainda não encontraram o seu «caminho de Compostela», caminho que torne possível a tão desejada passagem da falta de fé do século XIX e dos horrores que daí resultaram para o mundo, à paz das almas forjadas no estilo do futuro.

Na ideia de completar o quadro, dirigi-me ao teólogo protestante Rudolf Bultmann a pedir-lhe uma entrevista. Respondeu-me com as seguintes linhas, que transcrevo aqui, dada a emoção nelas contida.

Muito me honra o convite que me dirige para tomar parte no diálogo por V. estabelecido em Viagem aos Centros da Terra. Infelizmente, não o posso aceitar. Estou velho e doente e já não posso nem ler nem escrever. Aliás, há vinte anos que deixei de tomar parte activa na vida da Igreja. Por este motivo, ser-me-ia impossível responder às suas perguntas.

Com os melhores votos para o seu trabalho e com as mais cordiais saudações, seu ... etc.

Rudolf Bultmann

Esta carta foi escrita de Marburgo, não longe de Münster. Terminei-a, portanto, sido fácil uma entrevista com Bultmann, após a minha visita a Rahner.

Os ortodoxos, esses ficam demasiado longe. Além disso, estão por demais vigiados, para com eles se poder entabular um diálogo a sério. É possível que um dia, não muito remoto, ainda o venha a fazer.



CAPÍTULO III

A MUTAÇÃO NO DOMÍNIO DAS ARTES

1. NA ESTEIRA IRLANDESA E UNIVERSAL DE JAMES JOYCE

Que buscam ou pretendem os artistas deste século? Porque resulta assim tão difícil interpretá-los? Como é possível gostar-se ao mesmo tempo de uma tela de Picasso ou de Mathieu, de uma composição de Webern, de um romance de Joyce? Que aconteceu com a transição da luminosidade do século XIX para as trevas do nosso? Qual é o sentido real desta mudança, tão profunda e tão grave que nos mostra o perfil de uma autêntica mutação?

Nada aconteceu de específico em relação às artes, pois a mudança interessou, paralela e simultaneamente, todos os quadrantes. A pintura e o romance suportaram o mesmo abalo que deslocou a agulha sismográfica das ciências e da filosofia. Verificou-se em todas elas o mesmo fenómeno, com a diferença de ter sido assinalado e evidenciado de maneira específica, através dos processos ou da técnica característicos, quer das artes, quer da literatura. O maremoto atingiu a mesma intensidade em todos os quadrantes da vida espiritual. É possível que o artista que melhor tenha sintetizado todos esses sintomas e concentrado na sua obra todas as cambiantes da referida mutação haja sido um literato, um celta sensível, amoroso da palavra, ou seja, daquilo que melhor nos exprime como entidades humanas capazes de nos rebelarmos periodicamente e de medirmos a grandeza dessas rebeliões.

Para bem se compreenderem *Ulisses* e *O Despertar de Finnegan*, as obras capitais de Joyce, é necessário ter em consideração dois factos fundamentais: o autor dessas obras propôs-se criar um universo fictício, estruturado de modo a poder substituir o universo real, dando ao romance, ao seu romance, as dimensões e o conteúdo de